

Irineu Simonetti

Inhabitat

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Habitat

Toda poesia tem feras
Poentes perdidos de espera
Fragmentos de memória sangrada em mar aberto
E uma picada de serpente no deserto;
Toda poesia tem sonhos
Como lagos surgem de prantos secos
E, nem sempre alados, afogam-se em brejos desalmados;
Toda poesia tem amor, e sono desperto
Esquecimentos, calos, desprendimentos...
Toda poesia me habita, e é sempre por mim habitada
Um olhar cismado para quem olha a gente da estrada,
Trilho sagrado dos mesmos animais
Correndo à frente do que traz.

Inabitável

Quisera eu achar graça
Num mundo sob medida
Para o triunfo da desgraça

Quisera eu ver riso
Num mundo sob medida
Para clientela de pouco siso

Quisera eu me gabar
Num mundo sob medida
Para aqui não estar

Oficioso me retiro
Para onde mais vivo
De tudo o que me privo

O meu mundo vai comigo

Artesanato

Máquina de viver cobra
O tempo gasto em toda obra
E vistoria qualquer sobra
De um bom dia de trabalho.

Microfios de tecer mitologia
Reconhece-se no produto a energia
Máquina de produzir alegoria.

Em dia de greve o trabalho rende mais
Trabalho de um viver que satisfaz
Peça única e fugaz, grava em pedra, enquanto faz:
Aqui jaz máquina de viver mais.

Mudo

Converso há anos comigo mesmo
Em conluio contra inimigo a esmo
Armo planos e os afio sempre
Para poder sacá-los de repente;

Pois a vida não é obra só da gente
Já que todos contam com a sorte
Eu mesmo já não tenho sabido
Se vir a morte, o que lhe digo.

A janela

Um reflexo me mira por entre a noite
E seu olhar glacial me interroga e pasma
Porém não ouço o íntimo fantasma
Que então se afasta da janela...

O que balbucia a imagem me perturba
Enquanto a vejo afastar de mim
Como uma flor de seu jardim
O amor que em vida ponho nela
Ao calar-me de cá dessa janela.

Viver

Meu ofício é sentir, meu ofício é sentido
E se sentir e ser sentido fosse
O grande segredo da vida...
Seria aposta perdida de amor?

A infinita fúria da vida se desvela
Enquanto a impotente paz revela
A fugacidade da radiosa vida
Tornada pelo enigma mais bela.

Obscena

Nada se esconde em poesia
Verdadeira gota que esfria
De sangue, lágrima ou do que extasia

A poesia é cega para o que cria
Dá vida ao que não mente
Enquanto outros gestos deixa dormentes

E talvez seja só essa a sua semente
Ensaia esse ensaio de existir
Aqui e agora simplesmente.

Furo

Enquanto desejo estou vivo
No serviço de um ser esquivo
Pois só existe essa vida de muitas
Para quem no futuro estiver vivo
Sem se faltar do presente,
Como passar por um furo,
Mas a sair do lado escuro.

✉ irineu_simonetti@yahoo.com.br

📘 facebook.com/Irineu Simon

Este livro foi composto em Bembo Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2020.
